

O SÍTIO DE FORNOS DO BARRANCO HORTA DO ALMADA 1 (SANTA CLARA DO LOUREDO, BEJA) PRIMEIROS DADOS ACERCA DA OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA

Recebido: 1 de Maio de 2017 | Aprovado: 20 de Dezembro de 2018

Ana Rosa¹

Mestranda Arqueologia FLUL

Mariana Diniz²

UNIARQ | FLUL

Resumo

No quadro dos trabalhos arqueológicos preventivos, realizados no âmbito do projecto de rega executado pela EDIA, S.A, foi identificado, no sítio do Barranco Horta do Almada 1 (Santa Clara do Louredo, Beja), um conjunto substancial de estruturas negativas – tipo fossa e outras que consideramos tratar-se de pequenos fornos. De acordo com as ocupações conhecidas para o Sul de Portugal, este sítio, atendendo à tipologia das estruturas, à estratigrafia e cultura material pode enquadrar-se, em termos cronológicos e culturais, nos contextos dos inícios do Holocénico, como será discutido.

Palavras-chave: Estruturas negativas; fossas; fornos; integração crono-cultural.

Abstract

In the framework of the preventive archaeological work carried out as part of the irrigation project executed by EDIA, SA, a substantial set of negative structures – pits type and small ovens were identified at the site of Barranco Horta do Almada 1 (Santa Clara do Louredo, Beja). According to Southern Portugal archaeological record, this site, considering the typology of structures, stratigraphy and material culture can fit, in chronological and cultural terms, in the context of the beginnings of the Holocene, as will be discussed.

Key-words: Negative structures, pits, ovens, chrono-cultural filiation.

https://doi.org/10.14195/2182-844X_6_3

¹ Ana_vs_Cristina@hotmail.com

² m.diniz@letras.ulisboa.pt

Introdução

No ano de 2014, durante a execução da empreitada de beneficiação da rede de drenagem de Aproveitamento Hidráulico Baleizão-Quintos e respectivos blocos de rega executada pela EDIA, S.A., foi identificado, no sítio Barranco Horta do Almada 1, um conjunto de estruturas quase todas negativas, em fossa, utilizadas para combustão e, que podem ser classificadas como pequenos fornos.

I. Descrição do sítio

Os trabalhos arqueológicos preventivos realizados durante a abertura de vala para implantação de conduta de rega e canais associados, possibilitaram a identificação, no troço de passagem no Barranco Horta do Almada 1, de três núcleos de estruturas arqueológicas (Fig. 2), registadas ao longo de um corredor em L, com cerca de 100 m de comprimento e cerca de 4/5 m de largura, numa área total de escavação de 500 m². Este horizonte de ocupação

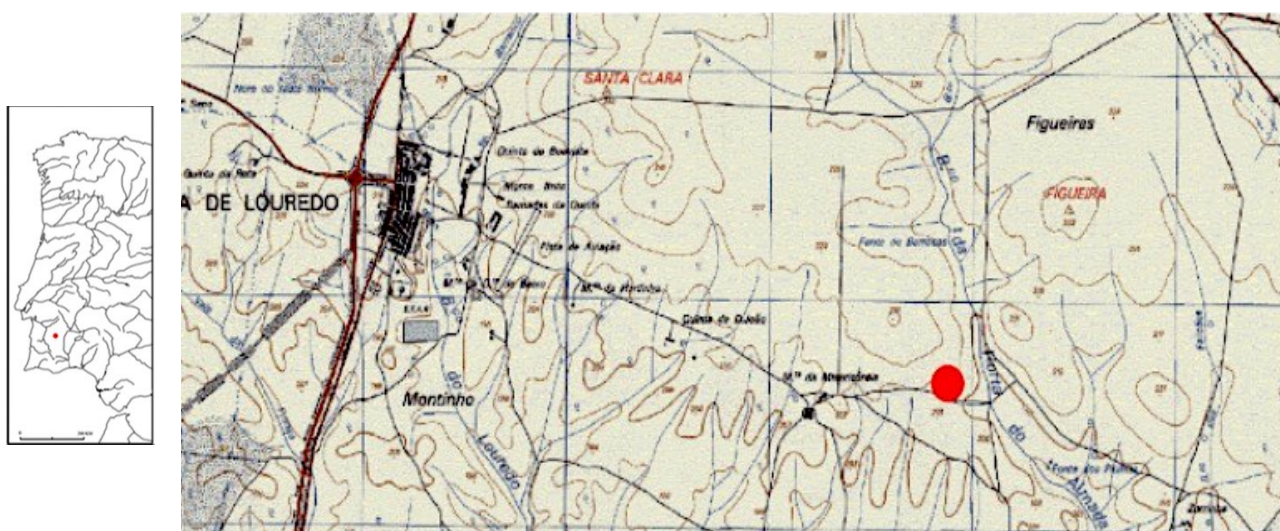


Fig. 1 - Localização do BHA1 em excerto da CMP, folha 532, à escala 1/25000 (modificado).

Do ponto de vista administrativo, o sítio localiza-se a cerca de 2,5 Km a Este de Santa Clara do Louredo (freguesia de Santa Clara do Louredo, concelho e distrito de Beja) (Fig. 1). As coordenadas geográficas (sistema PT-TM06/ETRS89) são as seguintes: X 225 744.81; Y 110 907.90.

O sítio, implantado nos “Barros de Beja” que caracterizam os solos da grande planície a Sul desta cidade, ocupa uma área aplanada com altitudes da ordem dos 200 m, sulcada por barrancos - como o da Horta do Almada, tributários da bacia do Guadiana.

humana antiga estava coberto por um espesso manto argiloso – estéril – que oscilava entre o 1,50m e os 3m de espessura.

Estes núcleos, cuja efectiva dimensão não pode ser estabelecida porque se estendem para além do traçado da obra, caracterizam-se enquanto áreas de concentração de estruturas e distam entre si algumas dezenas de metros apontando para um uso descontínuo deste espaço.

Do ponto de vista estratigráfico, o sítio revelou uma sequência simples definida por três grandes horizontes, que do topo para a base da sequência apresentam as seguintes características:

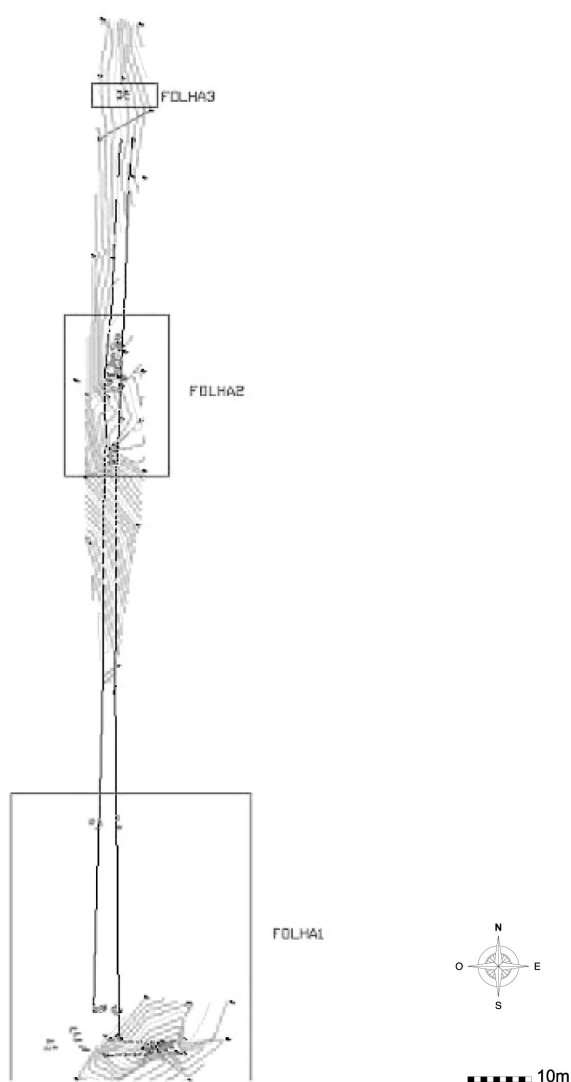


Fig. 2 - Planta geral de escavação com indicação dos três núcleos identificados.

- a. Depósito sedimentar removido mecanicamente, correspondente a argilas, muito compactas, de tonalidade castanho-escuras, com presença de vegetação;
- b. Paleossolo sobre o qual foram escavadas a maioria das estruturas negativas;
- c. Substrato geológico (afloramento rochoso/xistos);

No decurso da escavação foram registadas um total de 53 estruturas, distribuídas pelas seguintes tipologias construtivas (Fig. 3), que abaixo se descrevem:

Categoria	Descrição		Total
Estruturas em argila	Individuais	29	45
	Duplas	8	
Depressões	-		2
Fossas	-		5
Estruturas pétreas	Empedrado		1

Fig. 3 – Tipologia das estruturas do BHA 1.

1.1 - Estruturas em argila ou fornos

Num total de 37 fornos, estas estruturas em argila (Fig. 4) são de pequenas dimensões, variando em termos de comprimento (0,80m a 1,20m), largura (0,30m a 0,80m) e profundidade (0,20m a 0,60m). Abertas quer no solo arqueologicamente estéril, quer directamente no substrato geológico, apresentam plantas ovaladas, circulares ou trapezoidais, com contornos mais ou menos irregulares. Na base apresentam um empedrado (raras vezes ausente), sempre com vestígios de exposição ao fogo, o que sugere ter este servido como uma placa térmica. Estes elementos pétreos podem apresentar-se dispersos ou imbricados, dispostos no nível de base ou, em casos pontuais, preenchendo por completo a estrutura. As paredes internas estão revestidas com uma espessa camada de argila cozida, da ordem dos 3-4cm, cujas altas temperaturas a que estiveram sujeitas, lhe conferiram uma tonalidade laranja.



Fig. 4 – Concentração de estruturas em argila.

Estas estruturas revelaram uma sequência estratigráfica muito idêntica que se caracteriza pela existência, sobre o paleosolo estéril ou substrato geológico, de um empedrado sobre o qual se deposita um sedimento argiloso, por regra com pequenos fragmentos de rocha e carvão. Sobre este sedimento encontra-se um outro depósito argiloso, de colmatação da estrutura negativa, que contem artefactos e ecofactos, nomeadamente, elementos da indústria de pedra lascada, restos de fauna e carvões.

Do ponto de vista artefactual, estes fornos continham no seu interior exclusivamente materiais de pedra lascada, que apresentavam um baixo grau de diversidade tipológica, adiante discutido.

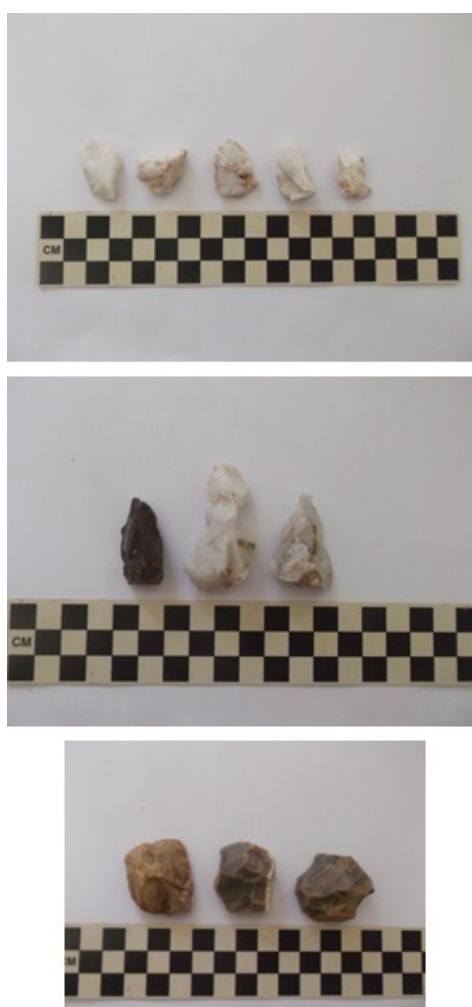


Fig. 5 - Utensilagem lítica identificada em estrutura de argila.

Fauna

Os trabalhos de escavação permitiram também a recolha de fauna mamalógica no interior destas estruturas. Os ossos apresentavam-se em mau estado de conservação, muito deteriorados e fragmentados, com probabilidade em resultado das altas temperaturas a que estiveram sujeitos. Ao mesmo tempo, as propriedades argilosas dos solos de em que estavam depositados prejudicaram severamente a preservação dos vestígios orgânicos. A amostra para efeitos de análise é pouco numerosa, mas indica-nos que, entre as espécies consumidas, encontrava-se a lebre (*Lepus sp.*), o veado (*Cervus elaphus*) e bovívdeo (*Bos sp.*).

Deposições Funerárias

Em dois destes fornos, E.23 e E.34, documentámos vestígios osteológicos humanos de dois indivíduos. Correspondem a duas deposições individuais, primárias, de um adulto do sexo masculino e de um sub-adulto, ambos em posição fetal e em muito mau estado de preservação (Fernandes in Rosa, 2017). A total ausência de espólio votivo dificulta apontar, para já, um momento cronológico específico para estas deposições, possivelmente, realizadas numa época de abandono dos fornos, e não numa etapa contemporânea do seu uso. Em todo o caso, a comprovação desta proposta só terá validade após realização de datações absolutas.

1.2 - Depressões

Foram escavadas duas depressões (Fig. 6) caracterizadas por planta oval ou circular, com uma profundidade pouco significativa (cerca de 0,15m). Estas estruturas não apresentam sinais

de utilização e não continham materiais arqueológicos, o que nos impossibilita associá-las a um momento cronológico específico. No entanto, apresentam uma planta idêntica às das estruturas em argila, o que nos leva a equacionar a possibilidade de se tratarem de estruturas de combustão ainda em fase de construção.



Fig. 6 – Exemplo de depressão.

1.3 - Fossas

Foram escavadas duas estruturas tipo fossa (Fig. 7). Caracterizam-se pela planta de desenho oval ou circular, rondando 1m de largura e atingindo, no máximo, 0,50m de profundidade. Abertas no solo, sem empedrado e sem argila de revestimento nas paredes.

À exceção de uma das ocorrências (fossa 2), de onde provêm os únicos materiais cerâmicos recolhidos no sítio, as restantes não forneceram

quaisquer indícios que possibilitem um enquadramento cronológico. No entanto, dadas as características e a proximidade a outros contextos arqueológicos com estruturas similares - por exemplo, no Monte das Cabeceiras 2 ou Quinta do Estácio 6 - supomos uma relação funcional associada a armazenamento alimentar (silos).

Apenas uma das fossas (fossa 2) forneceu espólio correspondente a um conjunto de sete fragmentos de cerâmica. Trata-se de formas lisas, de produção manual, sendo o único elemento identificável um bordo que corresponde a um prato de bordo espessado (Fig. 8). Em termos cronológicos este recipiente enquadra-se, grosso modo, no Calcolítico regional.



Fig. 7 – Estrutura tipo fossa.



Fig. 8 – Fragmento de prato de bordo espessado.

1.4 - Empedrado

Neste conjunto, isolamos apenas um empedrado (Fig. 9), associado a combustão, encontrando-se sobreposto parcialmente a uma estrutura em argila. Apresenta um plano sub-rectangular com as dimensões de 1,30m de comprimento e 0,70m de largura.



Fig. 9 - Empedrado de combustão.

1.5 - Cultura material

Os elementos da cultura material recolhidos no BHA foram objecto de estudo detalhado num outro contexto (Rosa, 2017), sendo aqui apenas alvo de uma apresentação sintética.

Materiais de pedra lascada

O conjunto artefactual do BHA é constituído fundamentalmente por materiais de pedra lascada provenientes das estruturas tipo forno.

Num inventário de 285 registos, 273 correspondem a elementos da indústria lítica talhada. Foi analisado um conjunto de 73 peças, recolhidas no interior das estruturas negativas 4,13,14,21 e 26, conjunto onde estão presentes núcleos, restos de talhe, produtos debitados e utensílios. O número de peças recolhidas em cada estrutura é regra geral muito baixo, destacando-se no conjunto a estrutura 26, com 43 registos.

No campo das rochas e minerais talhados, o quartzo representa a matéria-prima fundamental, correspondendo a cerca de 58% do conjunto. O objectivo fundamental da debitage consiste na produção de lascas que correspondem a 96% dos produtos debitados. Na categoria do pequeno grupo dos utensílios estão registados denticulados (2), entalhes (2) e raspadeiras (3).

Na categoria dos núcleos destacam-se num total de sete peças inteiras, os quatro núcleos de quartzito com negativos de extração de lascas – que são, no entanto, no conjunto pouco numerosas, como é visível na Tabela 1.

Efectivamente, está presente uma debitage local, demonstrada pela elevada percentagem de restos de talhe, fragmentos, esquirolas e pequenas lascas, orientada para a produção quase exclusiva de lascas. O aproveitamento massivo dos recursos locais (quartzo/quartzito), foi realizado no quadro de uma economia de debitage expedita, vocacionada para a produção de suportes de uso imediato e de raros utensílios.

Como registado em outros contextos de fornos, os entalhes, denticulados e raspadeiras são os utensílios mais frequentes.

Materiais de pedra afeiçãoada

Os materiais de pedra afeiçãoada - um movente/ percutor, uma bigorna e um afiador foram

recolhidos à superfície, portanto, não apresentam contexto arqueológico seguro ainda que possam ter estado relacionados com as ocupações pré-históricas do local.

Cerâmica

Foram recolhidos, como atrás mencionado, apenas na Fossa 2, sete fragmentos cerâmicos, um dos quais um bordo de prato de bordo espessado.

II. Discussão e interpretação dos dados

O sítio do BHAI coloca, ao nível da sua classificação crono-cultural e da definição da funcionalidade desta ocupação, questões que, de acordo com a informação hoje disponível, não são de resposta imediata.

As estruturas em argila que aí foram identificadas inscrevem-se numa realidade ainda mal caracterizada quer cronológica, quer funcionalmente, apesar da sua presença em distintos sítios da Pré-história recente e de algumas datações absolutas já realizadas sobre estes contextos.

Numa primeira avaliação, supomos para as estruturas em argila uma utilização como fornos, tal como, sucedeu para o conjunto do Xarês 12 (Gonçalves, 2002; Gonçalves, 2003), atendendo aos indícios de combustão que indubitavelmente apresentam. Não são conhecidas estruturas habitacionais nesta área que nos permita uma associação directa aos núcleos identificados. A forma como as estruturas se encontram dispostas e a elevada concentração destas, numa área restrita leva-nos a integrá-las numa primeira fase de ocupação do local - que será revisitado em pleno Calcolítico - provavelmente, de carácter temporário e funcionalmente especializada, no

processamento de produtos através de acção térmica.

Os resultados inconclusivos da análise recentemente levada a cabo no sítio da Cova da Baleia (Sousa *et al.*, 2018, demonstram, no entanto, a efectiva incerteza das leituras funcionais propostas para estes contextos.

Para além da funcionalidade destes fornos, a sua cronologia é também um tópico em discussão. Admitidas, numa primeira fase da investigação, cronologias dentro do Neolítico, que usavam como paralelo o sítio da Salema (Tavares da Silva e Soares, 1980), onde, pela primeira vez, se identificaram estas realidades, tem vindo a ser demonstrada uma mais longa - e inesperada - diacronia de construção/uso destas estruturas.

As datações absolutas obtidas para a a Cova da Baleia (Sousa e Gonçalves, 2015) e Defesa de Cima 2 (Diniz, 2013; 2017, apontam para usos destes fornos ao longo do 8º e 7º milénios cal AC, portanto em contextos de caça-recollecção, denunciando a maior complexidade das paisagens mesolíticas - quer ao nível da extensão dos territórios ocupados, quer ao nível da tipologia dos sítios e das estruturas domésticas.

A um povoamento que parecia nos primeiros milénios do Holocénico, concentrar-se no litoral e zonas estuarinas foram-se acrescentando os sítios da barca do Xarez e do Xarez 12 (Reguengos de Monsaraz), o da Defesa de Cima 2 (Évora), e, mais recentemente, a ocupação do Carrascal 2, reflectindo uma malha de povoamento mais alargada que o previsto, ao mesmo tempo que contextos como o da Cova da Baleia, Defesa de Cima 2 e Barranco Horta do Almada sugerem um quadro de actividades especializadas ainda mal conhecido.

No BHA, a ausência de datações absolutas torna mais incerta uma adscrição crono-cultural, atendendo sobretudo à baixa resolução tipológica da utensilagem lítica. No entanto, os melhores paralelos para este contexto - atendendo às estruturas tipo forno aí identificadas - apresentam esta cronologia antiga que também se admite para este sítio.

A indústria lítica do BHA constituída, essencialmente, por lascas, mais raras lamelas e onde estão presentes núcleos, restos de talhe e utensílios - fundamentalmente entalhes, denticulados e raspadeiras - corresponde a um quadro de utensilagem de fundo comum também identificado em outros contextos de fornos (Diniz, 2013).

A indústria lítica do sítio do Carrascal 2 (Reis *et al.*, 2019), exceptuando os três micrólitos geométricos identificados no conjunto, datada de 5713-5621 cal BC, apresenta óbvios paralelos com a indústria do Barranco Horta do Almada. A presença de elementos de todas as etapas do processo de talhe, o peso maioritário que o quartzo assume como matéria-prima, um número significativo de lascas e os entalhes e raspadeiras como utensílios principais - ainda que em pequeno número - parecem os principais elementos destes conjuntos.

A presença de fragmentos cerâmicos associados a outros materiais de cronologias neolíticas e calcolíticas têm sido também sistematicamente identificados nestes contextos. Como se regista na Cova da Baleia, na Defesa de Cima 2 - fases de ocupação curta destes sítios.

O Barranco Horta do Almada I, implantado numa paisagem aberta e beneficiado pela proximidade aos recursos hídricos e pela fertilidade dos solos, o sítio assenta sobre os “Barros de Beja”, seria objecto de ocupação em

diferentes momentos da Pré-história recente. Nesse sentido, o conjunto de fossas estarão relacionadas com uma contínua ocupação do local.

A presença de alguns pontuais fragmentos de cerâmica, no interior destas estruturas e, que as coloca num momento de utilização compreendido, grosso modo, dentro do Calcolítico, é sinal disso mesmo. Ao mesmo tempo, a escassez de materiais cerâmicos torna uma cronologia unicamente neolítica/calcolítica menos provável.

Paralelamente, surgiram peças que desempenham uma função dentro das actividades produtivas (movente/percutor e bigorna) e que, embora se encontrassem em posição secundária, podem indicar a presença de comunidades agro-pastoris.

A presença de restos humanos no sítio -ainda que não datada - deverá corresponder a uma distinta fase de utilização destas estruturas, também proposta para a deposição funerária detectada na Cova da Baleia (Sousa e Gonçalves, 2015).

III. Discussão e interpretação dos dados

O Barranco Horta do Almada I constitui-se como um registo de extrema importância não só para o conhecimento da Pré-história do Baixo Alentejo, como para ampliar os dados provenientes da investigação dos últimos anos, que tem incidido em contextos arqueológicos semelhantes.

O conjunto dominante é composto por estruturas em argila e que se assemelham a pequenos fornos. Comummente associadas a áreas de funcionalidade doméstica, neste caso consideramos tratar-se de uma amostra

expressiva do carácter “industrial” do local, ainda que não se possa, para já, avançar uma funcionalidade específica para estas estruturas.

Ao nível da cultura material, a utensilagem lítica é a presença mais atestada, plenamente relacionada com as estruturas em argila, denunciando um trabalho de talhe local. Esta indústria, caracterizada pela presença de utensilagem expedita, e onde se evidencia a clara ausência dos geométricos, não possui elementos de diagnóstico crono-cultural. Não encontramos as lamelas e os produtos alongados característicos do Neolítico/Calcolítico, nem uma presença efectiva de materiais cerâmicos. Perante este conjunto, com um baixo grau de variedade artefactual, com uma indústria expedita destinada à obtenção de pequena lascas, e apesar da ausência de datações absolutas, pode colocar-se a hipótese de este sítio, como outros sítio de fornos e com indústrias líticas muito semelhantes, filiar-se, também, numa tradição mesolítica.

O significado destes contextos e das actividades aqui desenvolvidas é um tema em aberto que a investigação futura deve discutir.

Agradecimentos

As autoras agradecem ao Dr. César Neves pela ilustração dos materiais apresentados neste artigo.

BIBLIOGRAFIA

DINIZ, Mariana (2013). Fossas, Fornos, Silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas produtivas no Neolítico Antigo em Portugal. *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: AAP, pp. 319-326.

DINIZ, Mariana (2017). Estratégias de povoamento, transições culturais e registo arqueológico (ou a irónica contingência da ciência). Uma datação absoluta para o sítio da Defesa de Cima 2 (Évora). *SCIENTIA ANTIQUITATIS*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 65-82. <http://hdl.handle.net/10451/31085>

GONÇALVES, Victor S. (2002). Duas áreas de inesperado avanço sobre a vida e a morte das antigas sociedades camponesas do Guadiana médio. A Mega Operação Alqueva – um balanço dos blocos 3 e 6 em fins de 2002. *Al-madan*. Almada. II Série.11, pp. 99-108.

GONÇALVES, Victor S. (2003). Comer em Reguengos, no Neolítico. As estruturas de combustão da Área 3 de Xarez 12. In Victor S. Gonçalves (ed.) *Trabalhos de Arqueologia 25 – Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo, Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, pp. 81-99.

REIS, Helena; GONÇALVES, Célia; SANTOS, Helena, VALERA, António Carlos (2019). Monte do Carrascal 2 (southern Portugal): Insights into lithic technology and intra-site spatial analysis of a Late Mesolithic hunting camp. *Journal of Archaeological Science: Reports*, Volume 23, pp. 674-686.

<https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2018.11.014>.

ROSA, Ana (2017). *O Barranco Horta do Almada 1 (Beja): (Mais) um sítio de fossas, (mais) um sítio de fornos no Sul de Portugal*. Dissertação para a obtenção de Grau de Mestre, Lisboa: FLUL.

TAVARES DA SILVA, Carlos; SOARES, Joaquina (1980). *Neolítico Antigo na área de Sines, Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, pp. 5-12.

SOUSA, Ana Catarina; GONÇALVES, Victor S. (2015). Firewalk with me. O sítio da Cova da Baleia e as primeiras arquiteturas domésticas de terra no Centro e Sul de Portugal. In V. S. Gonçalves; M. Diniz; A. C. Sousa (eds.) *5º Congresso de Neolítico Peninsular. Actas*. Lisboa: UNIARQ, pp. 123-142.

SOUSA, Ana Catarina; BAO, Juan Gibaja; MAZZUCO, Niccolo; MIRANDA, Marta; TERESO, João Pedro Vicente; GONÇALVES, Victor S. (2018). Clay combustion structures in early Mesolithic at Cova da Baleia (Mafra, Portugal): Approaches to their functionality. *Journal of Archaeological Science: Reports*, Volume 18, pp. 984-999.
<https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2017.10.049>.